

Editorial

A FOME PERSISTENTE

João Cabral de Melo Neto já escreveu que na miséria brasileira há uma igualdade na morte: “de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, e de fome um pouco a cada dia”. Uma realidade que permanece quase sete décadas depois, com 36% das famílias brasileiras em situação de fome. Os dados da pesquisa da Gallup Word Poll e da FGV Social, divulgados na semana passada, mostram um retrato ainda mais doloroso para a faixa de mais baixa renda, na qual 75% das pessoas enfrentam a ameaça da fome.

A miséria alimentar cresceu quatro vezes mais entre os brasileiros do que a média mundial, em um quadro que vem se agravando desde a recessão econômica de 2014 e se aprofundou na pandemia do coronavírus.

Em 2019, 23 milhões de pessoas viviam com menos de R\$ 10 por dia. No fim do ano passado, eram 34,3 milhões. O ano também fechou com cerca de 12 milhões de pessoas sem emprego. Das que tinham alguma ocupação, a renda média encolheu 11,4% em 12 meses.

Já o custo da comida não para de subir. A alimentação tem subido mais do que a própria inflação oficial, que foi a maior para o mês de abril em 26 anos. Somente o preço da cenoura avançou mais de 160% em 12 meses.

O resultado de disparada de preços com trabalho e renda à míngua é fome e morte. De acordo com informações do DataSUS, em média, 11 crianças de até 9 anos morreram em decorrência de desnutrição a cada dia de 2021. Tal fato não é uma estatística, é um cruel e excruciante pedido de socorro de uma larga parcela da sociedade, marcada pela desigualdade e pela pobreza e para a qual a fome tem negado até a esperança do brotar de novas vidas “mesmo quando é a explosão de uma vida severina”.